

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

GT 11 – Informação e Saúde

ENTRE O NORMAL E O PATOLÓGICO: UMA LEITURA CRÍTICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE SAÚDE MENTAL E INFORMAÇÃO

BETWEEN THE NORMAL AND THE PATHOLOGICAL: A MAPPING OF SCIENTIFIC LITERATURE ON MENTAL HEALTH AND INFORMATION

Marco Tulio Moreira de Souza – Universidade Federal da Bahia (UFBA- PPGCI)

Luciana Dias Silva – Universidade Federal da Bahia (UFBA- PPGCI)

Paulo André dos Santos – Universidade Federal da Bahia (UFBA- PPGCI)

Jaqueline Silva de Souza – Universidade Federal da Bahia (UFBA- PPGCI)

Rosane Santana Rodrigues Pereira – Universidade Federal da Bahia (UFBA- PPGCI)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: este trabalho realiza uma revisão de literatura voltada à análise crítica dos conceitos de “normal” e “patológico” em contextos de saúde mental, com foco nas práticas e fluxos informacionais no ensino superior. A partir de um levantamento em bases científicas, busca-se compreender como os discursos acadêmicos e institucionais constroem, reforçam ou contestam tais categorias. Os resultados evidenciam o papel central da informação na legitimação de comportamentos considerados “normais” e na conformação de sentidos sobre o sofrimento psíquico. O estudo aponta, ainda, os desafios éticos e epistemológicos que se colocam à Ciência da Informação diante dos processos de medicalização da vida e de normalização do desvio.

Palavras-chave: normalidade; patologia; informação em saúde; saúde mental; revisão de literatura.

Abstract: this study aims to critically analyze the meanings attributed to the categories “normal” and “pathological” in mental health contexts, based on a literature review of national and international databases. It adopts a qualitative approach, focusing on informational practices that shape diagnostic discourses. Results show that these categories are historically constructed and supported by truth regimes, normative frameworks, and institutional structures. The study concludes that Information Science can contribute to the denaturalization of such conceptions, broadening the debate on subjectivity, care, and the medicalization of psychological suffering.

Keywords: normality; pathology; health information; mental health; literature review.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo, vinculado a um projeto de mestrado em andamento, propõe uma ponderação crítica sobre a distinção entre o “normal” e o “patológico” no campo da saúde

mental, a partir da perspectiva da Ciência da Informação (CI). O objetivo do trabalho é analisar como os conceitos de “normal” e de “patológico” são construídos na produção acadêmica e de que forma eles influenciam os discursos e decisões sobre saúde mental, especialmente quando se articulam aos fluxos de informação que orientam práticas de cuidado. Parte-se da hipótese de que os significados atribuídos ao que se entende como normalidade ou patologia não são estáveis nem universais, mas resultam de processos históricos, discursivos e informacionais mediados por regimes de verdade (Foucault, 2006a), normativas técnicas e estruturas de poder-saber.

Nesse sentido, compreende-se que a informação exerce papel central na constituição e na circulação de discursos médicos, educacionais e sociais que moldam percepções sobre o sofrimento psíquico, a funcionalidade e o desvio (Capurro, 2003; Le Coadic, 1996). A investigação busca identificar como essas categorias são tematizadas, naturalizadas ou problematizadas nas produções acadêmicas, evidenciando tendências conceituais, lacunas epistemológicas e enfoques que impactam diretamente as políticas públicas, os critérios diagnósticos e as formas de gestão da saúde mental. Assim, o estudo contribui para uma leitura crítica da medicalização da vida (Santos, 2006) e da normalização institucionalizada do sofrimento, destacando os desafios contemporâneos para a CI enquanto campo reflexivo e interdisciplinar.

Ao assumir a revisão de literatura como método, este trabalho não se limita à sistematização de conteúdos, mas procura construir uma análise interpretativa que privilegie os sentidos, contradições e silenciamentos presentes nas abordagens sobre o normal e o patológico. A escolha por uma leitura crítica e interdisciplinar responde à necessidade de ampliar a compreensão sobre como os dispositivos informacionais, como classificações diagnósticas, protocolos institucionais, tecnologias de monitoramento e narrativas midiáticas, contribuem para a produção e regulação dos corpos e subjetividades.

Essa perspectiva dialoga com os estudos de Santos-d’Amorim e Côrbo (2024), que revelam como a desinformação atua como um fenômeno complexo e estruturante das dinâmicas informacionais contemporâneas. Em sua análise da produção científica brasileira sobre o tema, os autores evidenciam a distância entre os avanços teóricos da CI e sua aplicabilidade prática, sobretudo em contextos sensíveis como a saúde. Essa discussão se articula aos regimes de visibilidade do sofrimento (Foucault, 2006b) e à lógica do desempenho como norma (Han, 2015),

evidenciando como certos discursos são legitimados enquanto outros são sistematicamente silenciados pelas dinâmicas informacionais e institucionais.

Assim, a pesquisa propõe não apenas uma cartografia do estado da arte, mas uma contribuição à crítica dos sistemas de saber-poder que sustentam os modos contemporâneos de pensar e tratar a saúde mental.

2 METODOLOGIA

Este trabalho parte de uma revisão de literatura para investigar como os conceitos de “normal” e “patológico” são construídos no campo da saúde mental. A pesquisa tem natureza qualitativa e se concentra em identificar, em artigos científicos, os principais discursos e narrativas que ajudam a formar esses significados. O levantamento seguiu um protocolo de revisão, que consistiu numa busca por artigos científicos nas bases SciELO, LILACS, PubMed, e BRAPCI entre os anos de 2010 e 2024 nas áreas de ciência da informação, psicologia e saúde coletiva. A busca foi realizada com o uso das palavras-chave ‘saúde mental’ e ‘informação’ preferencialmente, mas os termos ‘normalidade’ e ‘patologia’ foram usados em algumas buscas e combinadas pelo operador booleano ‘AND’.”

A seleção contemplou artigos que mantinham pertinência temática com o objeto da pesquisa, não sendo adotado como critério a classificação Qualis/CAPES dos periódicos. Textos repetidos, muito semelhantes entre si ou com abordagem exclusivamente biomédica foram deixados de fora, quando não contribuem com uma reflexão crítica sobre os aspectos informacionais do tema.

Foram encontrados 61 artigos no levantamento inicial, dos quais 25 foram selecionados para leituras exploratória, seletiva e analítica. A organização dos textos seguiu um protocolo de fichamento. Em seguida, os artigos foram categorizados em três eixos temáticos principais: (1) produção do saber sobre o desvio da normalidade; (2) patologização da vida e a normalização institucional do sofrimento; (3) resistências e novos olhares para a saúde mental.

O material foi interpretado a partir de uma abordagem crítica, que entende que os significados são construídos em contextos históricos e sociais. Além de analisar o conteúdo dos textos, a leitura buscou extrair aquilo que pudesse contribuir para a discussão proposta neste artigo. Esse olhar permitiu perceber não apenas os posicionamentos e contribuições dos estudos

para repensar o sofrimento, mas também seus limites. O método adotado procurou, assim, ir além do simples mapeamento da produção científica, interpretando seus efeitos e favorecendo a interdisciplinaridade e a reflexão ética na saúde mental.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da produção científica - 25 artigos selecionados - revelou uma diversidade de abordagens sobre os conceitos de normal e patológico. Observa-se a predominância de perspectivas oriundas da filosofia, da saúde coletiva, da psicologia e da Ciência da Informação. A presença de autores como Georges Canguilhem e Michel Foucault aponta para uma tradição crítica que entende o patológico não como anomalia em relação a uma norma biológica, mas como uma construção histórica e cultural. Além disso, estudiosos como Santos e Capurro ajudam a situar as práticas informacionais como mediadoras fundamentais na produção dos sentidos sobre o sofrimento psíquico.

A categorização dos estudos em três eixos temáticos permitiu identificar tendências analíticas, aproximações teóricas e lacunas reflexivas em relação ao papel da informação na constituição dos conceitos de normalidade, patologia e sofrimento psíquico. A seguir, apresentam-se os resultados organizados por eixo, seguidos de exemplos dos artigos encontrados.

Eixo 1 – Produção do saber sobre o desvio da normalidade

Os artigos analisados mostram como a informação ajuda a definir o que é visto como desvio da normalidade ou patológico. Esses processos criam narrativas baseadas em padrões biomédicos e ideias de normalidade, muitas vezes servindo para controlar, excluir ou enquadrar as pessoas. Conceitos como biopoder, governamentalidade e discurso aparecem, mostrando que a informação não é neutra: ela participa ativamente da construção do que é considerado ‘anormal’

Como exemplo, pode-se citar Foucault (2006a), em “A História da Loucura”, que contribui de maneira decisiva para compreender os regimes de verdade que moldam os discursos sobre loucura e patologia. O autor demonstra como as instituições, sobretudo as de caráter médico e jurídico, utilizam a informação como um instrumento de poder-saber para definir, classificar e

segregar sujeitos tidos como desviantes. Sua genealogia da loucura revela que o que se considera doença mental é profundamente atravessado por convenções sociais e políticas, evidenciando que a informação opera como mediadora na construção do anormal.

Canguilhem (2009), em “O normal e o patológico”, também problematiza os limites entre norma biológica e patologia, questionando os critérios objetivos tradicionalmente aceitos para definir o que é saudável. Para o autor, o patológico não é simplesmente uma negação do normal, mas uma outra forma de vida, com sua própria lógica de funcionamento. Sua análise mostra que as classificações médicas e os parâmetros normativos são resultados de decisões históricas e epistemológicas. Ao trazer essa leitura, Canguilhem nos alerta sobre os perigos de uma informação técnico-científica que se pretenda neutra, desconsiderando a singularidade dos sujeitos e a plasticidade da vida.

Eixo 2 – Patologização da vida e normalização institucional do sofrimento

Este eixo reúne estudos que analisam a expansão dos processos de medicalização da vida cotidiana, com ênfase em espaços como escolas, universidades e ambientes de trabalho. As pesquisas mostram como a noção de normalidade tem sido moldada por lógicas produtivistas, de eficiência e desempenho, que naturalizam padrões meritocráticos e operam como instrumentos de exclusão simbólica. Nesses contextos, o sofrimento psíquico frequentemente é interpretado como falha individual, gerando efeitos como silenciamento, automedicação, culpabilização subjetiva e crescente burocratização da dor.

O conceito de normose, que descreve a aceitação social de comportamentos patológicos como se fossem normais, surge como chave analítica importante para compreender como estados de exaustão e ansiedade se institucionalizam sob a aparência de adaptação ou resiliência como demonstra Han em seus estudos (2015).

Santos (2006), em “A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência”, aprofunda essa crítica ao demonstrar como a racionalidade moderna converte questões existenciais, sociais e culturais em diagnósticos clínicos, transformando a diversidade da experiência humana em objetos de controle. A informação, nesse contexto, não apenas transmite saberes, mas atua como dispositivo de regulação simbólica, estabilizando significados e enquadrando subjetividades.

Um exemplo complementar é a análise de Ehrenberg (2010), que descreve o surgimento da depressão como a “doença do eu esgotado”, associada à cobrança por desempenho constante em uma sociedade da autonomia e da autorresponsabilidade. Esse discurso se dissemina por manuais diagnósticos, campanhas de saúde e políticas institucionais, reforçando a ideia de que o sujeito deve dar conta de tudo, e que falhar é um sinal de patologia. Assim, a informação contribui para transformar condições sociais complexas em desordens mentais individualizadas.

Estudos recentes, como o trabalho de mestrado que gerou esse resumo expandido, têm aprofundado a análise da normose no contexto acadêmico, evidenciando como ambientes universitários, marcados por cobranças excessivas, metas inalcançáveis e competitividade institucionalizada, contribuem para a legitimação de sofrimentos psíquicos. Nesses espaços, quadros de ansiedade, insônia, esgotamento e adoecimento emocional são frequentemente invisibilizados ou tratados como expressões de inaptidão pessoal, reforçando a internalização da culpa e a busca por soluções individuais, como a automedicação ou o silêncio. A informação circulante nas instituições de ensino, ao promover ideais de produtividade e excelência, funciona como vetor de normalização simbólica, consolidando discursos que, muitas vezes, desconsideram as condições estruturais do sofrimento.

Eixo 3 – Resistências e novos olhares para a saúde mental

O terceiro eixo reúne estudos que questionam as epistemologias dominantes na produção de saberes sobre saúde e saúde mental, trazendo abordagens críticas, decoloniais e transdisciplinares. A perspectiva decolonial, em especial, busca desafiar os modos de pensar e conhecer impostos pela lógica ocidental, moderna e colonial, valorizando saberes historicamente silenciados, como os indígenas, africanos, populares e periféricos.

Segundo Walsh (2010), a epistemologia decolonial busca abrir espaço para a pluralidade de conhecimentos e práticas, reconhecendo que as formas legítimas de saber não se restringem àquelas produzidas pelas universidades ou instituições hegemônicas. Nesse sentido, os discursos sobre o que é considerado normal ou patológico são compreendidos como construções situadas, marcadas por relações de poder, interesses institucionais e exclusões epistêmicas.

A CI, nesse cenário, aparece como campo estratégico para promover práticas informacionais éticas, contextualizadas e sensíveis à diversidade de experiências humanas. Ao

reconhecer saberes outros e formas alternativas de produzir e circular informação, a CI fortalece seu papel político e social.

Além da crítica teórica, os estudos mostram como, no cotidiano, muitas pessoas resistem aos discursos biomédicos e normativos ao se apropriarem ativamente das informações sobre saúde e saúde mental. É comum, por exemplo, o uso das redes sociais como espaço de partilha de vivências sobre ansiedade, depressão ou burnout, fora da linguagem técnica e com foco na experiência subjetiva. Estudantes e trabalhadores também formam grupos informais de apoio, onde trocam indicações de psicólogos populares, práticas de autocuidado, leituras, vídeos, podcasts ou estratégias não medicalizantes de enfrentamento.

Outras formas de resistência aparecem na busca por terapias integrativas, como reiki, meditação, arteterapia ou práticas corporais. Em muitas comunidades, os cuidados também se organizam a partir de saberes tradicionais, como rezas, ervas medicinais e espiritualidades locais, que circulam por meio de narrativas orais e vínculos intergeracionais.

Essas formas de apropriação informacional revelam sujeitos que não apenas consomem informação, mas que a ressignificam a partir de suas vivências, afetos e pertencimentos. Ao reconhecer essas práticas, a CI amplia seu papel político e social, contribuindo para a construção de ambientes informacionais mais diversos, democráticos e afetivamente potentes.

Capurro (2003), argumenta que o conhecimento não é produzido em abstrato, mas dentro de contextos históricos, sociais e culturais específicos. Ele propõe uma epistemologia crítica da informação, destacando a necessidade de compreender os fluxos informacionais como fenômenos situados, mediados por valores e atravessados por relações de poder. Sua reflexão contribui para que a CI assuma uma postura ética e plural diante da complexidade da saúde mental.

Santos (2006), oferece uma das mais relevantes contribuições para uma abordagem decolonial dos saberes. Ao propor a “ecologia de saberes”, o autor nos convida a valorizar formas de conhecimento silenciadas pela ciência ocidental, como os saberes populares, indígenas e comunitários. Em diálogo com a informação em saúde, sua proposta desafia a hegemonia das classificações diagnósticas e das evidências biomédicas, apontando para uma nova conceituação dos modos de conhecer e cuidar do sofrimento psíquico.

Os resultados mostram que os conceitos de normalidade e patologia não são universais nem neutros. Eles são construídos a partir de disputas entre diferentes discursos, influenciados por formas dominantes de conhecimento, práticas de informação e interesses institucionais. A análise dos artigos selecionados evidenciou tanto os limites dos trabalhos que seguem apenas o modelo biomédico quanto a força daqueles que questionam os padrões tradicionais. Com isso, a revisão não apenas apresenta um panorama da produção científica sobre o tema, mas também propõe um novo olhar ético e teórico para a atuação da CI diante da naturalização do sofrimento e da medicalização da vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão realizada evidenciou que os conceitos de “normal” e “patológico” não são universais, mas construções históricas e sociais que se transformam conforme disputas teóricas, culturais e institucionais. Os três eixos analisados mostraram que a informação desempenha papel central na consolidação desses conceitos, seja na legitimação de classificações biomédicas, na construção de discursos sociais sobre sofrimento ou na abertura de espaços para resistências e novas epistemologias.

O primeiro eixo mostrou que o patológico não deve ser visto apenas como a ausência do normal, mas como uma outra forma de vida, com sua própria lógica de funcionamento. Isso evidencia que as classificações médicas e os parâmetros de normalidade são frutos de escolhas históricas e epistemológicas, e não verdades universais. O segundo eixo evidenciou como, na contemporaneidade, a vida tem sido crescentemente patologizada. Situações comuns do cotidiano e formas diversas de sofrimento são enquadradas como doenças ou transtornos, muitas vezes sem considerar seus contextos sociais e culturais. Esse processo faz com que a patologização seja aceita como normalidade, reforçando padrões biomédicos que moldam a maneira como as pessoas entendem a si mesmas e suas experiências. O terceiro eixo destaca estudos que propõem resistências a esse modelo hegemônico, trazendo novos modos de pensar a saúde mental. Essas perspectivas críticas, decoloniais e transdisciplinares questionam a visão ocidental dominante e valorizam saberes historicamente silenciados. Nesse sentido, abrem espaço para práticas de cuidado mais humanas, plurais e inclusivas.

Esses resultados reforçam que a informação não é neutra: ela participa ativamente da construção social da saúde mental. Nesse sentido, a CI tem um papel estratégico, pois pode tanto reproduzir narrativas dominantes quanto criar condições para práticas mais inclusivas, plurais e emancipatórias. O campo, ao se articular com outras áreas e valorizar diferentes formas de conhecimento, amplia sua contribuição para políticas e práticas de cuidado mais humanas e contextualizadas.

Este trabalho, que faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, não pretende apenas organizar teorias já existentes, mas também tomar uma posição diante da urgência de repensar o papel da informação na forma como vivenciamos e compreendemos o sofrimento psíquico. Futuros estudos poderão investigar, de forma mais próxima do cotidiano, como as pessoas lidam com o excesso de informações sobre saúde mental nas redes sociais, como identificam o que é confiável e como se sentem diante de tantos diagnósticos e rótulos circulando. Também é possível explorar como a organização das informações nos sites, nas plataformas digitais e nos serviços públicos de saúde influencia o acesso ao cuidado. Essas pesquisas podem ajudar a construir uma CI mais conectada com a realidade das pessoas, mais atenta à diversidade de experiências e mais comprometida com o cuidado, o respeito e a inclusão.

Reafirma-se a necessidade de uma postura crítica e engajada da CI diante dos desafios da saúde mental. O enfrentamento do sofrimento psíquico exige não apenas diagnósticos e protocolos biomédicos, mas também ambientes informacionais que acolham a diversidade de experiências e possibilitam novos modos de viver com a diferença. É nessa articulação entre saber, poder e cuidado que se encontra a potência da informação para transformar a forma como pensamos e praticamos a saúde mental.

REFERÊNCIAS

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: ANCIB, 2003.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

EHRENBERG, Alain. **A fadiga de ser si mesmo**: depressão e sociedade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006a.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2006b.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Tradução de Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS-D'AMORIM, Karen; CÔRBO, Dayo de Araújo Silva. O que os estudos sobre desinformação na Ciência da Informação brasileira têm a nos dizer? **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 29, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/51376>. Acesso em: 24 maio 2025.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e colonialidade do poder: um diálogo a partir da experiência latino-americana. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 22–45.